

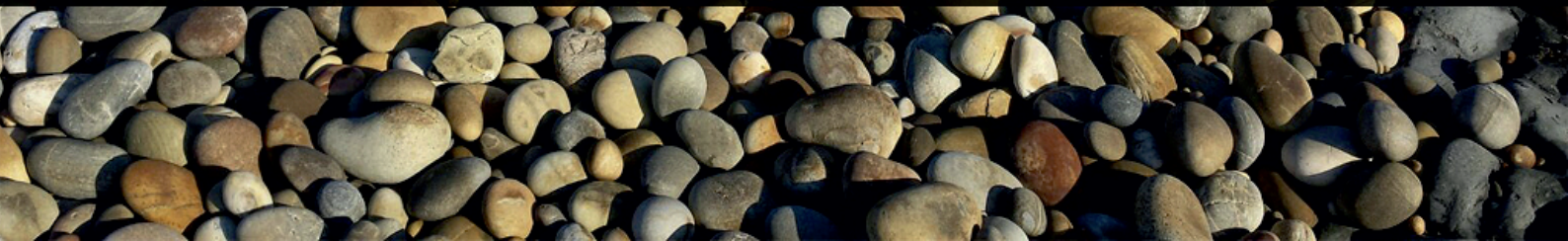
M. Jesus Sanches • Ana Vale • S. Monteiro-Rodrigues
- Coordenadores -

Arqueociências 2018

Da matéria-prima ao artefacto

Instrumentos líticos e cerâmicas nos estudos de arqueologia

Pré-Atas



Porto
2018



ARQUEOCIÊNCIAS 2018

Faculdade de Letras | Universidade do Porto
Anfiteatro Nobre • 13 de Abril de 2018

DA MATÉRIA-PRIMA AO ARTEFACTO

Instrumentos líticos e
cerâmicas nos estudos de arqueologia

Entrada livre (sujeita a inscrição)

<https://arqueocienciasflup.wixsite.com/2018>

arqueocienciasflup@gmail.com

Organização:
DCTP/FLUP
CITCEM

Fernando Castro
U. Minho

César Oliveira
REQUIMTE/LAQV-GRAQ

Dulcineia Pinto
Escola Profissional de Arqueologia

Thierry Aubry
Fundação Côa Parque

E. Méndez-Quintas
CENIEH

João Pedro Cunha Ribeiro
U. Lisboa - UNIARQ

Editor:

Universidade do Porto. Faculdade de Letras. CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Autor:

Maria De Jesus Sanches

Co-autores: Ana Vale & Sérgio Monteiro-Rodrigues

Título:

ARQUEOCIÊNCIAS 2018. Da matéria-prima ao artefacto. Instrumentos líticos e cerâmicas nos estudos de Arqueologia. Pré-Atas.

Capa e contra-capas:

Sérgio Monteiro-Rodrigues

Execução Gráfica:

Cláudia Manuel

ISBN:

978-989-8351-91-3

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013, e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

Suporte:

Eletrónico

Formato:

PDF / PDF/A

Porto, Abril de 2018

COMO PROCURAR CONHECER O HOMEM PALEOLÍTICO ATRAVÉS DOS SEUS ARTEFACTOS LÍTICOS TALHADOS: NOVOS E VELHOS DESAFIOS

Palavras-chave : paradigmas metodológicos, tipologias, tecnologias

João Pedro Cunha Ribeiro
UNIARQ, Universidade de Lisboa
Email: jppgcr@gmail.com



A remota utilização da pedra como matéria-prima para o fabrico de ferramentas rudimentares pelos homens mais antigos foi frequentemente sugerida por diferentes antiquários. Tal realidade só veio, porém, a ser explicitamente expressa quando Thomsen, na primeira metade do século XIX, decidiu organizar as Coleções de Antiguidades do Museu Nacional da Dinamarca em função da utilização preferencial de determinadas matérias-primas, estabelecendo o Sistema das Três Idades, onde a Idade da Pedra precedia cronologicamente o aparecimento da Idade do Bronze e esta a Idade do Ferro. Poucas décadas mais tarde o reconhecimento da própria antiguidade do homem fundamentou-se na associação que foi então possível estabelecer entre a presença de materiais líticos talhados, inequivocamente produzidos pelo homem, e ossadas de grandes animais há muito extintos.

Correspondendo a uma matéria prima menos perecível pela erosão do tempo, os materiais líticos manufacturados pelos primeiros homens constituem frequentemente o único testemunho da sua presença, o que lhes conferiu sempre uma centralidade no estudo destes nossos antepassados que muitas vezes com ele se chegou mesmo a confundir.

E se na classificação inicial destes materiais se procurou destacar a sua associação a determinadas morfologias mais ou menos repetidas, não poucas vezes sugestivamente relacionadas com o desenvolvimento de determinadas actividades, nem por isso os primeiros arqueólogos deixaram de ver no seu devir a expressão do progresso como uma lei subjacente ao próprio conceito de evolução e à própria história da humanidade. A ideia de uma evolução unilinear, com a passagem do simples ao complexo, emergiu como um paradigma que então apenas dava os seus primeiros passos, fundamentando desde logo a definição das primeiras cronologias e conduzindo até à formulação de leis gerais com que se pretendia equiparar a Pré-história a outros ramos do conhecimento cuja associação à ciência se encontrava há muito fundamentada.

Nas décadas que se seguiram, entrando já em pleno século XX, o essencial

destes propósitos foi sendo prosseguido por diversos pré-historiadores, dando origem à definição de sequências cronológicas consideradas mais finas, reconhecendo a eventual existência de variantes regionais ou a pontual presença de artefactos ou entidades arqueológicas anteriormente não identificadas. Em qualquer das situações, porém, nunca o princípio geral da evolução unilinear era questionado, mesmo se num ou noutro caso a persistência de determinadas características era imputada a circunstâncias excepcionais que de forma alguma questionavam a regra prevalecente.

E a situação, nesse sentido, pouco se alterou quando na segunda metade do século XX se começou a procurar associar ao processo de classificação dos materiais líticos talhados a utilização de métodos quantitativos. Tentava-se então evitar a sobrevalorização de entidades artefactuais consideradas até aí muitas vezes como indicadoras privilegiadas de determinadas realidades arqueológicas, diluindo-as numa análise estatística de conjuntos formados em torno da variabilidade morfológicas de utensílios definidos por retoque ou cuja configuração resultara da alteração da sua volumetria original por talhe. A análise morfo-tipológica dos materiais líticos talhados baseava-se agora na prévia definição de listas de tipos de artefactos com atributos morfológicos individualizadores devidamente estabelecidos, reflectindo-se a representação relativa de tais peças nos conjuntos estudados através dos respectivos gráficos cumulativos que para o efeito eram delineados.

Mas se a utilização desta metodologia constituiu uma ferramenta que proporcionou uma comparação mais objectiva entre distintos conjuntos de materiais líticos talhados, muitas vezes com um diferenciado posicionamento no espaço e no tempo, ela não deixou de contribuir para a desumanização do seu estudo. Privilegiava-se o resultado final da actividade do homem em detrimento dos constrangimentos e motivações que a determinaram.

Procurando ver o homem por trás da sua produção artefactual, a partir dos anos oitenta os pré-historiadores apostaram por diversas vias na valorização da análise tecnológica dos materiais líticos talhados. Inspirados por uma aplicação dos métodos da Etnologia à Pré-história, motivados por uma análise mais apurada dos processos de fabrico dos materiais líticos talhados, quantas vezes decorrente da própria prática do talhe experimental, várias escolas de investigadores convergiram no desenvolvimento do estudo tecnológico dos sistemas de produção dos materiais líticos talhados. Nalguns casos procedendo a uma analítica desconstrução dos procedimentos envolvidos, noutros apostando na identificação dos diferentes processos sequenciais de redução dos blocos originais da matéria-prima ou ainda à individualização e caracterização das cadeias operatórias nele representadas.

Mas se as novas metodologias se associaram a diferentes designações, reivindicando-se cada uma delas de distintas inspirações, nem por isso deixaram de partilhar estratégias e objectivos comuns. Abarcando desde logo na sua

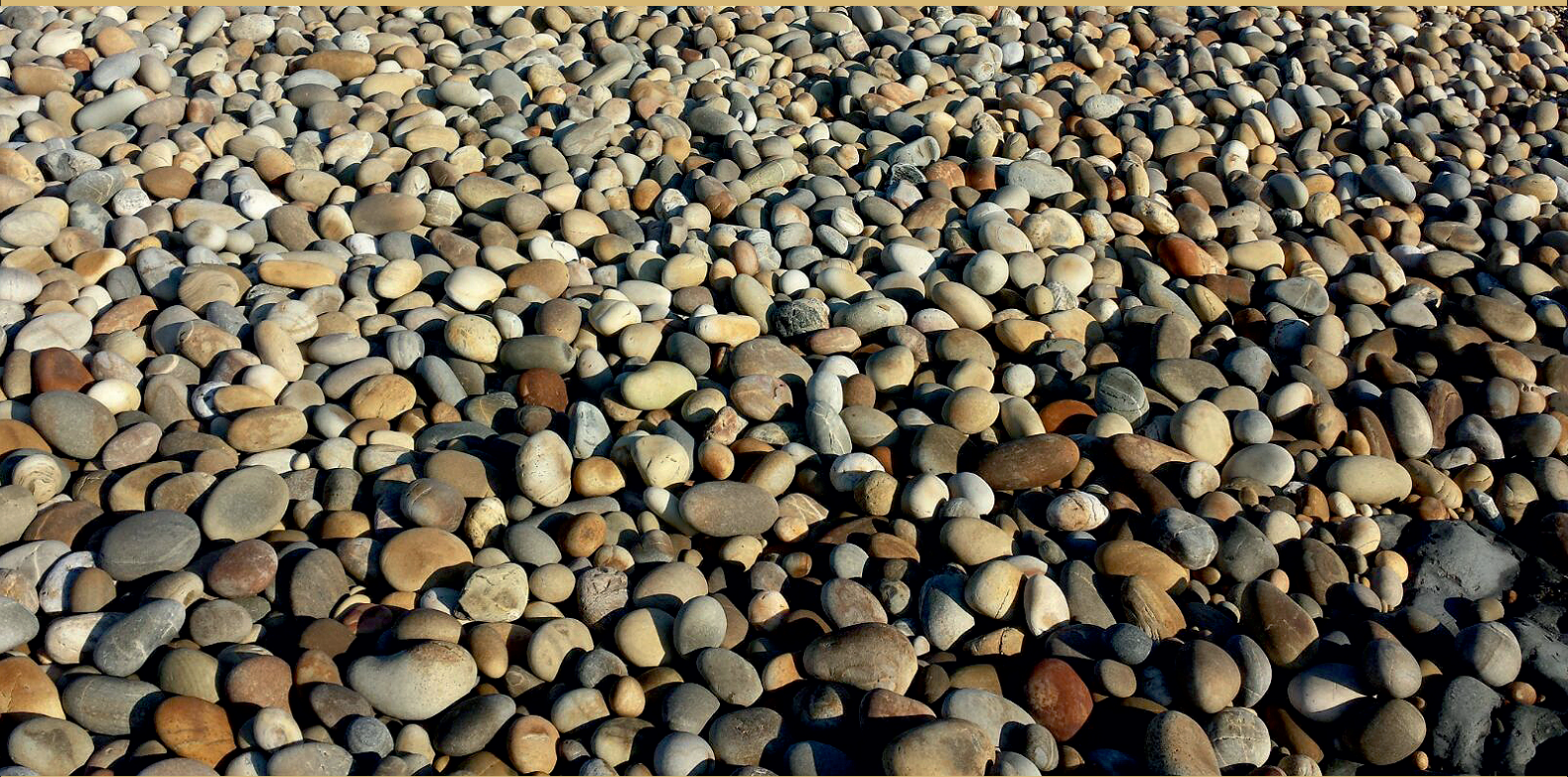
análise a totalidade dos produtos transformados, mas entre eles procurando ao mesmo tempo individualizar sequências de gestos operatórios visando a obtenção premeditada de produtos lascados, para utilizar ou não como suporte, e a definição de determinados tipos de utensílios. Neles procurando vislumbrar as unidades tecno-funcionais presentes, distinguir na sua manufactura os aspectos operatórios dos conceptuais e identificar as estratégias adaptativas subjacentes, sem esquecer a sua possível associação a outras componentes comportamentais que estudos etnológicos permitem sugerir.

Mas se este novo paradigma tem marcado o desenvolvimento dos estudos dos materiais líticos talhados nas últimas décadas, ele está longe de corresponder ao fim da história. Nalguns certos investigadores questionam a pertinência de se procurar perceber a complexidade da realidade envolvida através de padrões tecnológicos classificativos aprioristicamente definidos. Outros não deixam de por em causa a identificação pelo arqueólogo de determinados produtos talhados como correspondendo ao modelo de artefacto final que se pretendia putativamente obter. Acresce que a própria integridade e sincronia dos achados nos permite muitas vezes reflectir também sobre assertividade deste tipo de abordagens.

Em qualquer dos casos, uma coisa é certa. O estudo dos materiais líticos talhados produzidos pelo homem paleolítico não constitui um fim em si mesmo para o arqueólogo, mas apenas o meio, por vezes único, de que dispõe para conhecer e procurar compreender os seus remotos antepassados. Como o fazer, questionaram-se no passado os que nos precederam, interrogamo-nos nós hoje e não deixarão de o fazer certamente no futuro aqueles que nos seguirão.

BIBLIOGRAFIA

- Audouse, F. (2002), Leroi-Gourhan, a Philosopher of Technique and Evolution, *Journal of Archaeological Research*, Vol. 10, 4, 277-306.
- Bar-Yosef, O. and Van Peer, Ph. (2009), The *Chaîne Opératoire* Approach in Middle Paleolithic Archaeology, *Current Anthropology*, Vol. 50, 103-131.
- Delage, Ch. (2017), Once upon a time... the (hi)story of the concept of the *chaîne opératoire* in French prehistory, *World Archaeology*, Vol. 49, 2, 158-173.
- Dibble, H. et alii (2016), Major Fallacies Surrounding Stone Artifacts and Assemblages, *Journal of Archaeological Method Theory*, Vol. 24, 3, 813-851.
- Lemonnier, P. (2004), Mythiques chaînes opératoires, *Techniques & Culture*, N° 43-44., 2-15.



ISBN 978-989-8351-91-3